



MANEJO DE LESÃO CUTÂNEA EM CRIANÇA APÓS ACIDENTE COM ARANHA-MARROM: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Gislaine Loiola Saraiva Freitas¹

Maria Gabriella Santos Barros²

Ainoã De Oliveira Lima³

João Wesley Da Silva Galvão⁴

Thiago Moura De Araújo⁵

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo relatar a experiência do manejo clínico e terapêutico de uma criança de dois anos vítima de acidente com aranha-marrom, enfatizando as condutas assistenciais adotadas, o uso racional de coberturas e a adequação do tratamento às condições socioeconômicas da família. Trata-se de um relato de experiência de caráter descritivo, desenvolvido a partir do acompanhamento clínico de paciente pediátrico atendido em unidade de saúde de referência no Ceará, entre maio e junho de 2024. Os dados foram coletados por meio de registros em prontuário, observação direta e evolução clínica documentada. Na admissão, a criança apresentava febre constante, desconforto respiratório e lesão em membro superior esquerdo em estágio de delimitação, com tecido necrótico aderido. Inicialmente, optou-se por higiene com soro fisiológico 0,9% e hidrogel, visando desbridamento autolítico. Posteriormente, com evolução para hipergranulação, maceração e descolamento de bordas, foi realizado desbridamento cirúrgico pela equipe médica. Nas avaliações seguintes, a cultura da ferida positivou para infecção bacteriana, levando à introdução de alginato com prata e higienização com polihexametileno biguanida (PHMB), o que resultou em evolução significativa da cicatrização em 14 dias. Na alta, considerando o contexto socioeconômico da família, foi indicado o uso de ácidos graxos essenciais (AGE), associado ao cuidado domiciliar materno, possibilitando cicatrização completa em 12 dias. O caso relatado demonstra a relevância do manejo multiprofissional, associado à escolha criteriosa de coberturas conforme as fases da cicatrização. Ressalta-se a atuação da enfermagem no monitoramento da evolução, na prevenção de complicações e na educação em saúde da família. A integração entre protocolos clínicos, decisões multiprofissionais e participação ativa da família mostrou-se decisiva para o desfecho positivo.

Palavras-chave: enfermagem; animais peçonhentos; feridas; cuidados de enfermagem.

UNILAB, ICS, Discente, enfermeiragislainesaraiva@outlook.com¹

UNILAB, ICS, Discente, mgabriellab@aluno.unilab.edu.br²

UNILAB, ICS, Discente, ainoaooliveiralima@outlook.com³

UNILAB, ICS, Discente, wesleygalvao@aluno.unilab.edu.br⁴

UNILAB, ICS, Docente, thiagomoura@unilab.edu.br⁵



INTRODUÇÃO

Os acidentes com animais peçonhentos representam um agravamento de saúde pública no Brasil, com elevada incidência e potencial de complicações graves. Em 2022, o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) registrou mais de 300 mil casos, com destaque para os acidentes causados por aracnídeos, especialmente os do gênero *Loxosceles*, conhecidos como aranha-marrom (Brasil, 2023). O veneno dessas aranhas pode desencadear manifestações locais e sistêmicas, como dor, edema, necrose cutânea, hemólise e insuficiência renal (Torres et al., 2019).

Na população pediátrica, o risco é ainda maior, considerando a menor massa corporal e a maior vulnerabilidade clínica, o que potencializa a gravidade dos efeitos sistêmicos (Fiszon; Bochner, 2019). O manejo adequado das lesões depende de atuação multiprofissional, combinando medidas clínicas gerais, intervenções locais (como desbridamentos) e o uso racional de coberturas, com foco na cicatrização e prevenção de complicações infecciosas (Souza; Barbosa; Nascimento, 2020).

A enfermagem desempenha papel central no tratamento de feridas, desde a avaliação inicial da lesão, seleção da cobertura mais adequada à fase cicatricial, realização de procedimentos de limpeza e desbridamento, até o monitoramento contínuo da evolução clínica. Além do cuidado técnico, cabe ao enfermeiro orientar familiares sobre higienização, sinais de alerta e adesão às condutas prescritas, garantindo a continuidade do tratamento e prevenindo complicações. Assim, a prática de enfermagem não apenas potencializa a efetividade terapêutica, como também promove educação em saúde e favorece a adesão ao cuidado domiciliar, aspectos fundamentais no contexto pediátrico.

Logo, o presente estudo objetivou relatar a experiência do manejo clínico e terapêutico de uma criança de dois anos vítima de acidente com aranha-marrom, enfatizando as condutas assistenciais adotadas, o uso racional de coberturas e a adequação do tratamento às condições socioeconômicas.

Diante desse cenário, relatos de experiência tornam-se relevantes para disseminar práticas de cuidado embasadas em evidências, mas também adaptadas à realidade sociocultural dos pacientes e seus familiares.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de caráter descritivo, desenvolvido a partir do acompanhamento clínico de uma criança, sexo masculino, dois anos, vítima de acidente com aranha-marrom, atendida em unidade de saúde de referência no Ceará. As informações foram obtidas por meio de registros em prontuário, observação direta e evolução clínica documentada. As condutas foram descritas cronologicamente, considerando as fases do processo de cicatrização, as decisões multiprofissionais e os resultados obtidos.

A criança deu entrada na unidade hospitalar, após apresentar lesão dolorosa em MSE, episódios de febre recorrente e desconforto respiratório. Após passar por acolhimento e classificação de risco, foi solicitado vaga de Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica, para melhor acompanhamento do quadro respiratório. Após admissão em UTI, foi solicitada avaliação de enfermeiro especialista para direcionamento de condutas quanto ao tratamento da lesão. O acompanhamento se deu no período de maio a junho de 2024.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira avaliação, a criança apresentava lesão em membro superior esquerdo em estágio de delimitação, com tecido necrótico aderido ao leito. Optou-se por higiene com soro fisiológico 0,9% e hidrogel, visando



estimular o desbridamento autolítico. Na segunda avaliação, houve evolução para hipergranulação no leito da ferida, maceração, descolamento e hiperbolia de bordas, o que levou à solicitação de desbridamento cirúrgico, realizado prontamente pela equipe médica. Nas avaliações subsequentes, a cultura da lesão positivou para infecção bacteriana, e a cobertura foi substituída por alginato com prata, com trocas a cada cinco dias, bem como o uso de um antisséptico para higienização da ferida, o polihexametileno biguanida (PHMB), promovendo evolução significativa da cicatrização em 14 dias. Na alta hospitalar, considerando as condições socioeconômicas da família, orientou-se o uso de AGE, associado ao cuidado domiciliar pela genitora, resultando em cicatrização completa em 12 dias.

O caso evidencia a importância do manejo multiprofissional em acidentes com aranha-marrom, especialmente no contexto pediátrico. A utilização sequencial e criteriosa das coberturas (hidrogel, PHMB, alginato com prata e AGE) mostrou-se eficaz ao atender às diferentes fases do processo cicatricial da lesão.

Estudos apontam que coberturas à base de prata são eficazes no controle de infecções bacterianas em feridas complexas, favorecendo a granulação e acelerando o reparo tecidual (Mendonça; Coutinho, 2020). Já os AGE, além do menor custo, possuem propriedades cicatrizantes e são recomendados em protocolos do SUS para lesões em diferentes estágios (Brasil, 2018).

Outro aspecto relevante foi a decisão pelo desbridamento cirúrgico precoce, fundamental para a remoção do tecido inviável e para o controle do processo infeccioso. Esse tipo de conduta, associada à escolha de coberturas adequadas, encontra respaldo em literatura recente sobre o manejo de feridas de origem necrótica (Rodrigues et al., 2021).

Além do manejo multiprofissional, ressalta-se a atuação da enfermagem como eixo central no cuidado direto ao paciente pediátrico vítima de acidente por aranha-marrom. O enfermeiro tem papel essencial na avaliação clínica inicial, monitoramento de sinais vitais, prevenção de complicações sistêmicas e na escolha adequada das coberturas de acordo com a fase da lesão (Silva; Santos; Andrade, 2020).

O cuidado de enfermagem deve ainda incluir orientações à família sobre higiene da ferida, importância da adesão ao tratamento e sinais de alerta que demandam retorno imediato ao serviço de saúde (Barbosa; Nascimento; Almeida, 2021). Essas ações dialogam diretamente com o princípio da integralidade do SUS, garantindo acompanhamento contínuo e humanizado.

A participação ativa da família, aqui representada pela genitora, foi determinante para a adesão ao tratamento domiciliar. A literatura reforça que o envolvimento familiar em cuidados de saúde aumenta as taxas de adesão e reduz complicações em pacientes pediátricos (Santos; Silva; Lima, 2022).

A literatura destaca que práticas de educação em saúde conduzidas pela enfermagem aumentam a adesão ao tratamento domiciliar e favorecem a recuperação, sobretudo em contextos de vulnerabilidade social (Fernandes; Oliveira; Lima, 2019). No presente caso, o acompanhamento próximo da genitora e a escolha de coberturas acessíveis demonstram como os cuidados de enfermagem podem mediar a efetividade terapêutica e a sustentabilidade do tratamento.

CONCLUSÕES

O manejo do caso descrito demonstrou que a integração entre condutas clínicas baseadas em evidências, avaliação socioeconômica e participação familiar pode resultar em evolução favorável, mesmo em contextos de vulnerabilidade. O uso racional de coberturas, a indicação adequada de desbridamento cirúrgico e a adaptação do tratamento às condições do paciente permitiram cicatrização em tempo reduzido e prevenção de complicações. Esse relato contribui para a literatura científica ao evidenciar estratégias eficazes e acessíveis no manejo de acidentes por aranha-marrom em pediatria.



AGRADECIMENTOS

...

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, T. A.; NASCIMENTO, F. O.; ALMEIDA, C. S. Cuidados de enfermagem a pacientes com feridas complexas: revisão narrativa. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, v. 97, n. 35, p. e021045, 2021. DOI: 10.31011/reaid-2021-v97-n35-art1421.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças não Transmissíveis. Acidentes por animais peçonhentos: notificações no SINAN 2022. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/>.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Protocolo para prevenção e tratamento de feridas. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.
- FERNANDES, B. F.; OLIVEIRA, L. M.; LIMA, R. S. Educação em saúde no cuidado de enfermagem a crianças com condições crônicas. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 72, supl. 3, p. 249-255, 2019. DOI: 10.1590/0034-7167-2018-0733.
- FISZON, J. T.; BOCHNER, R. Perfil dos acidentes por animais peçonhentos em crianças no Brasil. *Jornal de Pediatria*, v. 95, n. 5, p. 559-566, 2019. DOI: 10.1016/j.jped.2018.02.006.
- MENDONÇA, R. J.; COUTINHO, B. G. Uso de coberturas com prata em feridas infectadas: revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, supl. 2, p. e20190374, 2020. DOI: 10.1590/0034-7167-2019-0374.
- RODRIGUES, A. P. S. et al. Estratégias de desbridamento no manejo de feridas complexas: revisão integrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 34, p. eAPE00252, 2021. DOI: 10.37689/acta-ape/2021AO0252.
- SANTOS, M. A.; SILVA, J. F.; LIMA, C. S. A participação da família no cuidado à criança hospitalizada: revisão integrativa. *Revista Cuidarte*, v. 13, n. 1, p. e1944, 2022. DOI: 10.15649/cuidarte.1944.
- SILVA, M. J.; SANTOS, G. A.; ANDRADE, A. P. Ações de enfermagem frente a acidentes por animais peçonhentos em crianças: revisão integrativa. *Revista de Enfermagem UFPE On Line*, v. 14, n. 2, p. 1-9, 2020. DOI: 10.5205/1981-8963.2020.244331.
- SOUZA, L. J.; BARBOSA, T. A.; NASCIMENTO, F. O. Tratamento multiprofissional de feridas em pediatria: revisão narrativa. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, v. 94, n. 32, p. e020204, 2020. DOI: 10.31011/reaid-2020-v94-n32-art479.
- TORRES, J. B. et al. Aranhas do gênero *Loxosceles* e suas implicações clínicas. *Anais Brasileiros de Dermatologia*, v. 94, n. 2, p. 142-148, 2019. DOI: 10.1590/abd1806-4841.20198314.